

Produção da América Latina cai 8%

Washington — O Banco Mundial revelou ontem que desde 1980 a América Latina não só perdeu oito por cento de sua produção, por habitante, como também 30% da receita nacional, por causa dos juros da dívida externa e dos termos do intercâmbio comercial.

Em 1986, contudo, "a região mais moderna do mundo em desenvolvimento" voltou a mostrar sua capacidade de recuperação, apesar da queda do valor de suas exportações e da falta de crédito — disse o novo vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe. S. Shahid Husein, em entrevista durante a qual apresentou o relatório de 1987 da instituição.

"A América Latina tem um grande potencial", disse Husein. "Não lhe faltam recursos físicos e humanos, e é a região com a economia mais sofisticada do mundo em desenvolvimento".

O banco estima que os países da área aceleram sua recuperação graças à qualidade de seus programas, o que ocorre em particular com a Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, México e Uruguai. Em outros países, no entanto, os níveis de produção diminuíram ou estacionaram.

Mas apesar da recuperação de alguns países, na região como um todo a renda per capita não aumentou significativamente pelo sexto ano consecutivo, e permanece cerca

de oito por cento abaixo do nível de 1980.

A dívida externa da região, de 382 bilhões de dólares em fins de 1986, não experimentou aumento significativo real pelo terceiro ano consecutivo, disse o banco. Os empréstimos dos bancos comerciais à região diminuíram em termos nominais, e a principal fonte de financiamento esteve constituída pelos empréstimos de instituições internacionais.

Embora a dívida não tenha aumentado, a maioria dos indicadores de solvência da região baixaram pelo segundo ano consecutivo, dada a considerável queda das rendas provenientes da exportação.

Em 1986 a maioria dos países latino-americanos experimentou sérios reveses em seus esforços por fortalecer sua posição externa e restabelecer sua solvência, em grande parte por acontecimentos externos adversos, prosseguiu o relatório.

O superávit da balança comercial de bens teve uma redução de 45% como consequência da diminuição de 15% da receita por exportação e por um leve aumento das importações.

Exceto no caso do Brasil, a diminuição da receita de exportação deveu-se principalmente a novas baixas, de 12%, dos preços da maioria dos principais produtos de exportação da região.

"Os termos de intercâmbio se reduziam nove por cento depois de uma queda de cinco por cento no ano anterior", indicou o banco.

Dado o fato de a baixa das taxas de juros mundiais não ter sido suficiente para compensar a deterioração da balança comercial de mercadorias da região, cujo superávit desceu de 33,5 bilhões de dólares em 1985 para 18,5 milhões no ano seguinte, o déficit em conta corrente experimentou um aumento de 10 bilhões de dólares de 4 para 14 bilhões.

As entradas de capital não foram suficientes para cobrir o déficit em conta corrente e, em consequência, as reservas tiveram uma diminuição de 6 bilhões de dólares.

Os países exportadores de petróleo foram os mais afetados, pois a queda dos preços teve graves repercussões em seu crescimento.

Os exportadores de produtos agropecuários e minerais metálicos também foram afetados por novas baixas nos preços. O açúcar e o trigo chegaram a seu nível mais baixo em muitas décadas, o que ocorreu também com o cobre.

O café constituiu uma exceção, pois teve aumento em 1985 e se manteve alto em grande parte de 1986, dada a queda da produção do Brasil em 45%, por causa das secas. Mas os preços caíram em 1987, e estão em um nível bastante inferior à média do ano passado.